

Palavras-chave: memória; historiografia; espaço, poder, Lusitânia.

A Memória do Espaço no Espaço da Memória: entre a analística e os primórdios da cronística medieval.

A relação do passado com a memória não é, de todo, pacífica. Nem sequer existe uma condição de linearidade e de espontaneidade entre o vivido e o registado, na forma como cada comunidade, em qualquer época, se concebe e se identifica. Para o período que se convencionou designar de medieval, a dificuldade de análise é, naturalmente, acrescida pela distância temporal e mental que nos separam e pelas limitações de quantidade e qualidade da sua documentação.

Facilmente se percebe que à reflexão sobre a memória e o passado se junte a da identidade e dos usos/funcionalidades do discurso historiográfico. Interpretam-se os sinais reveladores da historicidade da ideia de identidade e a coexistência de vários níveis da sua vivência. A premissa é, aqui, matemática: não há identidade sem memória.

Mas como podemos aduzir as manifestações de identidade na época em apreço? Como interpretar esse valor na distância da simbólica e do pensamento medievais, numa altura em que o país estava em formação? Qual a relação entre a representação narrativa do espaço e a ideia de Lusitânia?

Neste sentido, torna-se imperioso definir um caminho, à luz de alguns significativos factores para que a tecitura supra citada remete. De facto, analisando e confrontando a bibliografia mais recente que dedica atenção, quer à questão do espaço, quer da memória e da identidade na Idade Média, quer, ainda, embora muito pontualmente, à questão da Lusitânia, parece-nos importante proceder a uma avaliação do contexto da inserção da problemática desta última, no seio do discurso coevo sobre as origens de Portugal.